

O FILOSOFAR COMO CONDIÇÃO PARA UMA VIDA MAIS AUTÊNTICA: PRODUZINDO SIGNIFICADOS

PHILOSOPHIZING AS A CONDITION FOR A MORE AUTHENTIC LIFE: PRODUCING MEANINGS

Luciana Guimarães Félix Maia

Estudante do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia (Faculdade Antonio Meneghetti)

1 A escolha de não viver no automático

Durante muito tempo, eu vivi me sentindo inadequada. Havia em mim uma dificuldade real de transformar pensamentos em ação, como se existisse um descompasso entre o que eu percebia internamente e o mundo comum ao meu redor. Um certo sentimento de deslocamento sempre esteve presente — como se eu não me encaixasse totalmente na forma como as coisas simplesmente eram aceitas.

Com o tempo e a maturidade, comecei a compreender que eu não era única nesse tipo de experiência, mas que, dentro de mim, havia algo que ainda não estava organizado. Minha mente era atravessada por questões que eu não compreendia totalmente, mas já existia ali um polo de força muito claro: uma energia que me movia.

Essa energia sempre foi a inquietude. Uma inquietude que se manifestava como questionamentos diversos, como vontade de entender, como impulso de não aceitar o ordinário de forma passiva. Porém não via resultado prático,

e esse questionamento constante se reunia na criação de teses respostas.

Minha vivência na AMF, especialmente no contato com a Ontopsicologia, tem me mostrando que questionar por questionar não leva necessariamente à autenticidade. Pelo contrário, leva somente à inquietação e à ansiedade, sem função prática na nossa vida. Ou seja, percebi que filosofar não é o “pensar muito”, é sobre ser inteiro como Ser, executando o fazer.

Esse ponto foi particularmente importante para mim, porque na minha vida eu sempre trabalhei com estratégia, com estruturação e com decisões que exigem clareza. Eu tenho facilidade em construir raciocínios, sustentar argumentos e defender posições. Mas comecei a perceber que isso também pode ser uma armadilha. Porque eu consigo argumentar muito bem - inclusive quando estou errada. Consigo construir lógica para decisões que, no fundo, não vieram de um lugar autêntico, mas de urgência, de pressão ou até de uma certa vaidade intelectual.

E foi nesse momento que eu tive um enten-

dimento que mudou a minha forma de me observar: inteligência não é sinônimo de verdade.

A partir daí, o filosofar deixou de ser apenas um exercício mental e passou a ser um critério de vida. Hoje, quando eu vou tomar uma decisão importante eu procuro fazer uma pausa interna e me perguntar se aquilo realmente está alinhado comigo ou se eu apenas estou buscando ser a pessoa eficiente que meu ego se conforma em ser. Porque eficiência, quando não está acompanhada de alinhamento real, também pode ser uma forma de desvio.

E talvez um dos pontos mais desafiadores desse processo tenha sido perceber os momentos em que eu mesma me desvio. São momentos sutis, em que a atenção sai do essencial e vai para algo secundário, quando eu começo a justificar demais, explicar demais ou até intelectualizar uma situação como forma de não olhar diretamente para o que realmente importa.

Reconhecer isso em mim não foi confortável, porque eu sempre me vi como alguém lúcida, consciente, capaz de perceber as coisas com clareza. Mas comecei a entender que posso ser extremamente precisa em relação aos outros e, ao mesmo tempo, evitar pontos essenciais dentro de mim, e isso com uma construção lógica, mas não verdadeira.

Foi então que o filosofar passou a assumir um outro papel: o de corte. Um corte no excesso de explicação, na justificativa pronta, na reação automática. Um movimento de retorno ao essencial, àquilo que realmente importa, à pergunta mais simples e mais difícil ao mesmo tempo: o que, aqui, é verdade para mim?

Esse movimento exige algo que não é natural para mim, que é desacelerar. Minha tendência sempre foi responder rápido, decidir rápido,

agir rápido, bastando que tudo se encaixasse na lógica. Mas agora entendi que a Lógica é só um pedaço, é limitada. Comecei a perceber que rapidez não é o mesmo que precisão, e que muitas vezes a autenticidade está justamente naquele pequeno espaço entre o impulso e a ação.

Hoje, eu vejo que filosofar não é algo que eu faço apenas em momentos específicos, como um estudo ou uma atividade acadêmica. É uma postura diante da vida. Está na forma como eu olho para um conflito, na forma como eu conduzo meus relacionamentos, na forma como eu tomo decisões profissionais e, principalmente, na forma como eu interpreto os meus próprios pensamentos.

E, junto com isso, vem uma responsabilidade inevitável. Porque, depois que eu vejo, deixa de existir o “não ver”. Não consigo mais me esconder atrás de justificativas fáceis, nem dizer que foi sem perceber. O filosofar me tirou um certo conforto, mas me deu algo muito mais valioso, que é um eixo. Um lugar interno ao qual eu posso retornar, mesmo quando caio.

E talvez seja isso, para mim, uma vida mais autêntica. Não se trata de não errar, de ter todas as respostas ou de estar sempre certa. Trata-se de estar em movimento consciente, de não se acomodar nas próprias versões, de ter coragem de se rever quantas vezes for necessário e, principalmente, de não abrir mão de conhecer e assumir meu Eu real nesse caminho.

E é nesse ponto que o filosofar deixa de ser pensamento e se torna vida através da escolha contínua de ser inteira como Ser, executando o fazer, ou seja escolhendo a cada instante não viver no automático.